



“Elas não preparam militares para a democracia.”

Janio de Freitas

COLUNISTA DA “FOLHA DE S.PAULO”
Sobre as escolas militares

“Acreditava que poderia servir de guia aos cidadãos.”

Merval Pereira

COLUNISTA DE “O GLOBO”
Sobre a esquerda no período ditatorial

Prestar atenção nas situações de violência que ainda vivemos

Beto Vianna

Linguista
www.biolinguagem.com

O golpe, os índios e nós

Em 1556, nosso primeiro bispo, de gostoso nome Sardinha, foi devorado pelos índios caetés. Sardinha combatia os hábitos selvagens adotados pelos colonizadores, como o tabagismo e o gosto pela carne índia (não à mesa, mas na rede). Comer o prelado autoritário foi, então, um ato político. E o revide veio duro. Anos depois, o governador geral manda trucidar os caetés.

Ditadura, nunca mais. Mas entre o repúdio ao golpe e as patéticas manifestações saudosistas, temos mais do que nos envergonhar. É longa a história de opressão física e cultural das gentes da terra e daquelas

trazidas à força da África. Recentemente, um blog indígena perguntou aos membros da Comissão Nacional da Verdade (que investiga os silêncios da ditadura): “Por que só tratam de mortos e desaparecidos não indígenas?”. A CNV incluiu o tema na pauta, mas a pergunta gerou surpresa.

Além de um imaginário da resistência povoado de lamarcas e sequestros de embaixadores, custamos a reconhecer o caráter político da luta indígena pela terra e por seus modos de vida. E muitos de nós ainda cremos em um país “desenvolvido e integrado”, tom que marcou a política genocida do regime mili-

tar. Gente pelada falando língua diferente (se ainda fosse inglês, né?), fabricando os próprios utensílios e catando aquilo que come em imensas áreas “não produtivas”, não combina com “crescimento” na cabeça de muita gente.

Em 1967, o general Golbery publica “Geopolítica do Brasil”, propondo a integração para o crescimento. No organismo Brasil, as áreas “despovoadas” (onde vive a maioria dos índios) são a parte doente, que exige doses concentradas do remédio. Logo depois, a ditadura lança o Programa de Integração Nacional, que incluiu a construção de uma malha viária no Norte, “reser-

vada (...) faixa de terra de até dez quilômetros à esquerda e à direita das novas rodovias para (...) se executar a ocupação da terra e adequada e produtiva exploração econômica”.

O plano caiu sobre o índio como a bíblica chuva de enxofre. Seus resultados são responsáveis pelo genocídio dos anos 1970 e 1980, com órgãos como o Inera e a própria Funai favorecendo o massacre de aldeias inteiras, assassinato, tortura, escravidão e outras violências praticadas contra, afinal de contas, pessoas, não é mesmo? As frentes de expansão (colonos, madeiras, mineradoras) sujaram as mãos, bem como funcionários do gover-

no. Os índios tentaram se defender, migrando ou peitando as invasões, e já denunciavam, desde então, a barbárie. Por que, então, não escutamos?

A descoberta de campos de concentração indígena em Minas Gerais, durante a ditadura, com uma lista de mortes e maus-tratos de arrepiar os cabelos, mostra que o terror não foi apenas subproduto do “sonho desenvolvimentista”. É desprezo congênito por quem vive de modo diferente. Assim como repudiamos a volta da ditadura, é preciso prestar atenção nas situações de violência que os índios vivem, ainda hoje.

A criação de um vagão para uso exclusivo de mulheres poderá reduzir o número de abusos?

debate

Entre a realidade e o sonho

A proposta do vagão exclusivo para as mulheres no metrô é um esforço do Legislativo da capital para amenizar um problema pelo qual passam milhares de mulheres no transporte coletivo: o assédio nos momentos de maior lotação dos trens. Não estou inventando a roda. Trata-se de iniciativa que já existe até em outros países, como Egito, Índia, Indonésia, Japão, Malásia e Dubai. No Brasil, funciona no Rio de Janeiro e em Brasília. Projeto nesse sentido está em estudo pelo metrô de São Paulo. Em Belo Horizonte, o projeto, de minha autoria, tramita na Câmara. Seu objetivo é contribuir para a melhoria do transporte naquilo que é uma atribuição do Poder Legislativo.

Para tudo o que se faz na vida existe o ideal e o possível. O ideal é que não houvesse superlotação no transporte público. Mas isso ocorre até no Japão ou na França, países com metrô de alta capacidade e capacidade. Igualmente ideal também seria que todos nós víssemos em uma sociedade em que as mulheres não estivessem sub-

Léo Burguês de Castro
Vereador (PTdoB-BH); presidente da Câmara
www.leoburgues.com.br



metidas a constrangimentos de nenhum tipo.

Todos sabemos que entre a dura realidade e o sonho costuma haver uma grande distância, que, no tempo, pode corresponder a décadas, séculos ou, na pior das hipóteses, nunca se concretizar. Meu projeto é uma tentativa de fazer uma ponte entre esses dois tempos. Uma crítica feita a ele é que se trata de proposta segregacionista, que pode criar situação constrangedora para as mulheres que, no caso de superlotação do vagão destinado apenas a elas, forem obrigadas a usar o vagão, digamos, “normal”.

Observações como essa complementam o processo de discussão da proposição. É oportuno que ocorram, porque me dão argumentos para reforçar a proposta que apresentei à análise dos colegas vereadores e da sociedade como um todo. Em tempos passados, a violência contra a mu-

lher já produziu resultados práticos, como a criação da Delegacia da Mulher e a eliminação da ideia de que se pode matar “por amor”, como ocorria nos crimes passionais, em que os homens acabavam sendo absolvidos. Aliás, BH foi palco de vários deles.

No caso do vagão para mulheres, é fundamental que mulheres e homens se unam pela sua implantação. Criticar o projeto sem avançar na busca de alternativas não contribui para o debate. O número de composições destinadas às mulheres irá depender, em muito, do tamanho dessa mobilização. Um projeto de lei não é apenas um papel que tramita no Legislativo. Ele deve ser entendido como a ponta visível de um processo político no qual a mobilização é peça-chave em prol de uma vida melhor. Podemos ter um vagão ou dez vagões. O recado tem que ser dado a partir dessa expectativa coletiva.

Não cabemos num vagão

Comprar a ideia do vagão separado é partir do pressuposto de que o problema é a mulher e que ela é quem deve ser segregada, enquanto os assediadores ficam soltos por aí. É legitimar que ela é quem provoca o assédio. É dizer que os homens são animais incapazes de civilidade, incapazes de respeito, incapazes de controle.

Esses assédios não têm nada a ver com desejo; têm a ver, sim, com poder e com uma cultura machista. Assédio e estupro não fazem parte de conduta sexual, e isso deve ficar claro de uma vez por todas. Se não há consentimento, não é sexo, é abuso.

Além do mais, devo frisar: os assediadores do transporte público não são doentes. Eles fazem parte dos homens que aprenderam, ao longo de sua vida, que podem tocar o corpo de uma mulher sem consentimento e que continuarão fazendo isso fora dos vagões, na rua, em todos os lugares, inclusive em lugares considerados seguros (77% dos estupro são cometidos por conhecidos da vítima). O vagão não resolve sequer uma parte do

Clara Averbuck
Escritora
oi@claraaverbuck.com.br



problema. E se a mulher estiver no vagão “dos homens” e for assediada, então a culpa será dela? E se ela estiver em outro lugar, a culpa vai ser da roupa? E se ela estiver totalmente coberta, a culpa vai ser do horário? Não. A culpa nunca é da vítima, e não é segregando que se protege.

Seguindo essa lógica do vagão, a culpa sempre será da mulher, pois, já que homem é homem e tem instintos, não é responsável por seus próprios atos. É nisso que vocês acreditam? Que o homem é um animal incapaz de se controlar e que a mulher é culpada? E então, sendo o homem um animal incapaz, ele deve ficar livre para cometer atrocidades enquanto as suas vítimas são isoladas dele? A culpa nunca é da vítima. Nunca!

Outra falha no discurso de quem acredita no vagão exclusivo é dizer que a mulher deve se preservar usando roupas “decentes”, tomando como

exemplo que não se deve deixar um carro aberto na rua ou um laptop largado por aí; pois bem, amigos, nossos corpos não são posses. Mulheres não são coisas, são pessoas. Nossos corpos são nossos corpos e devem ser respeitados sem exceção.

E só pra finalizar: no Rio de Janeiro há essa política dos vagões, e adivinhe? Não funciona. Os homens utilizam o vagão destinados às mulheres, e as mulheres frequentemente precisam usar os vagões “normais”, porque, afinal, somos muitas. Quantos vagões desses pretendem fazer? Somos 51,5% da população brasileira, não cabemos em um vagãozinho.

Não queremos políticas públicas que limitem nossos espaços. Punição para quem assedia e liberdade para as mulheres é o que queremos. Não é segregando que se protege.

O TEMPO

ENDEREÇOS
Sede Comercial
Rua Pernambuco, 712 - Funcionários
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-151
Fone (31) 2138-3900 - Fax (31) 2138-3920
Web.: www.otempo.com.br
e-mail: comercial@otempo.com.br
Redação e Industrial
Avenida Babita Camargos, 1.645
Cidade Industrial, Contagem - MG
CEP 32.210-180 Fone: (31) 2101-3000

SERVIÇOS EDITORIAIS
The New York Times
AGÊNCIAS NOTICIOSAS
Associated Press, Agência Globo, Folhapress e Agência Estado

ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
0800-703-4001 (interior)
(31) 2101-3838 (Capital e Grande BH)
Horário de funcionamento:
Segunda a sexta-feira: 7h às 19h
Sábado, domingo e feriados: 7h às 13h
E-mail: atendimento@otempo.com.br

FILIADO À ANJ
Associação Nacional de Jornais www.anj.org.br
IVZ
FILIAÇÃO AO INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO

PREÇO DA ASSINATURA: NORMAL MG
(consulte nossas promoções)

Anual	Semestral	Trimestral
R\$ 492,00 à vista ou: 2 x R\$ 246,00 3 x R\$ 164,00 4 x R\$ 123,00	R\$ 246,00 à vista ou: 2 x R\$ 123,00 3 x R\$ 82,00 4 x R\$ 62,00	R\$ 123,00 à vista

ESCRITÓRIOS COMERCIAIS

SÃO PAULO
Avenida Jamaris, 100 - Sala 207 - Bairro Moema - São Paulo - SP - CEP 04.078-000
Fone/fax:
(11) 5531-3334 - (11) 5531-3336 - (11) 9935-3534
E-mail: rodrigo.simo@otempo.com.br

RIO DE JANEIRO
Bueno Comunicação - Av. Almirante Barroso, 63 - Sala 2012 - Edifício Cidade do Rio de Janeiro - Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20.031-003
Fone: (21) 2524-5644 ou (21) 96968-2255
E-mail: barbara.bueno@buenocomunicacao.com.br e fbueno@buenocomunicacaodf.com.br

BRASÍLIA
Bueno Comunicação - SRTVS - Quadra 701 - Bloco 0 - Conj. 896 - Edifício Centro Multiempresarial - Asa Sul - Brasília - DF - CEP 70.340-000
Fone/fax: (61) 3223-6999 - (61) 8179-7215
E-mail: daniela.bueno@buenocomunicacaodf.com.br e fbueno@buenocomunicacaodf.com.br

ESPÍRITO SANTO
Bueno Comunicação - Rua Professor Elpidio Pimentel, 409 - Sala 201 - Edifício Macondo - Mata da Praia - Vitória - ES - CEP 29.065-060
Fone/fax: (27) 3376-5095 e (27) 98129-0362
E-mail: violeta@buenocomunicacaoes.com.br e fbueno@buenocomunicacaodf.com.br